

Estudo sobre linguagem e sexualidade

Study of language and sexuality

**Flávia Girardo Botelho Borges,
Ademir Gabriel Werner Moreira**

Resumo

Este artigo tem por objetivo divulgar os resultados de uma pesquisa realizada no IFMT-Campus Cuiabá, que investigou os discursos sobre identidade, gênero e orientações sexuais no espaço escolar. Os caminhos metodológicos contaram com a participação de 80 adolescentes, que responderam a um questionário com perguntas abertas, fechadas e dependentes a respeito dos temas do estudo. Entre os resultados, o estudo revelou que, entre os jovens do IFMT, há ainda um desconhecimento da nomenclatura específica sobre identidade e expressão de gênero e orientação sexual, os quais figuram comumente nas mídias sociais. Como conclusão, o estudo sugeriu que este desconhecimento pode implicar na divulgação de comportamentos e valores preconceituosos e violentos, os quais devem ser desconstruídos numa proposta de educação cidadã e democrática.

Palavras-chave

Identidade; Questões de Gênero; Linguagem.

Abstract

This article aims to disseminate the results of a survey conducted in IFMT-Campus Cuiabá, which investigated the discourse on identity, gender and sexual orientation at school. The methodological paths with the participation of 80 teenagers who answered a questionnaire with open questions, closed and dependents regarding the study subjects. Among the results, the study found that, among young IFMT, there is still a lack of specific nomenclature on identity and gender expression and sexual orientation, which include commonly in social media. In conclusion, the study suggested that this knowledge will involve the dissemination of biased and violent behaviors and values, which must be deconstructed in a proposal for democratic and citizen education.

Keywords

Identity; Gender Issues; Language.

Flávia Girardo Botelho Borges

IFMT

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.

flavia2b@gmail.com

Ademir Gabriel Werner Moreira

IFMT

Discente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - Campus Cuiabá.

ademirg97@gmail.com

Primeiros Olhares

As questões sobre sexualidade e identidade de gênero ganharam nos últimos anos mais destaque nas mídias sociais. Diversos fatores contribuíram para que um novo discurso sobre estes temas estivesse disponível, desde as novelas das 20h em rede nacional até as propagandas em geral, capas de revista, e outros meios de comunicação de amplo alcance.

Neste íterim, encontra-se o adolescente como um dos grandes consumidores e produtores das mídias sociais. Este jovem vivencia boa parte do seu dia-a-dia no espaço escolar, qualificado como um território de conflitos, marcado pelas grades curriculares, arquitetura fixa e rigidez de posturas acadêmicas. Por outro lado, a sociedade pós-moderna¹ revela-se marcada pela liquidez das fronteiras, das relações, dos *status* antes tão bem firmados. Segundo Lyotard (2010), a pós-modernidade pode ser entendida como o estado ou condição de ser pós-moderno, isto é, estar em oposição ao que era, até então, moderno.

A pós-modernidade se revela nos aspectos socioculturais, econômicos e estéticos do capitalismo contemporâneo, associada a uma nova maneira de entender a vida: a tecnologia (à cibernética). Em oposição à modernidade, que foi marcada pelo progresso, eficácia e sistematização, a pós-modernidade se associa à mudança, para a qual a noção de progresso se tornou ultrapassada. Impulsionada pelos movimentos estudantis, Arte Pop, movimento feminista, entre tantos outros dos anos 1960, a condição pós-moderna logo ganhou seus contornos. Assim, as teorias modernas, que sustentavam o pensamento moderno, como o Marxismo, Positivismo e Estruturalismo, não mais conseguiam explicar ou subsidiar as ansiedades deste novo tempo, que agora se via guiado por valores construídos pela tecnologia, ou, nas palavras de Lyotard, pelo saber em *bits*.

Neste meio de campo, encontra-se este sujeito em um processo de construção de identidade e autoafirmação, permeado pelas mídias sociais e que experiencia uma correlação entre a vivência escolar e vivência social.

Um dos fatores reconhecidos de autoafirmação para os adolescentes é o corpo, embebido por um gênero e por uma orientação sexual, ainda em formação. Cercado de desafios impostos pela mediação social que introduz discursos diversos (de consumo, irreverência, preconceito, segregação, aceitação, etc), este jovem pratica no espaço escolar a incorporação destes discursos, o que pode resultar em conflitos que desafiem uma convivência harmônica e democrática.

Neste sentido, este artigo se insere num contexto mais amplo de uma pesquisa acerca da sexualidade na adolescência² e aborda aspectos sobre as questões de identidade de gênero e orientação sexual no ambiente escolar. Entendemos que as definições da identidade de gênero (masculino e feminino) carregam o caráter social e histórico das concepções baseadas nos papéis designados para homens e mulheres. Através de suas relações sociais, suas representações, discursos e práticas que vivenciam, os sujeitos vão se constituindo na relação com o outro.

Dessa maneira, motivados pelos discursos manifestados em diversas postagens de redes sociais, percebemos que um novo discurso sobre identidade e questões de gênero estava sendo divulgado, um discurso antes velado e agora permitido. Este discurso, assim como todos os discursos, carregava em si significados, valores, que revelavam, através das marcas linguísticas, o seu tempo. Concordamos com Moita Lopes (2006, p. 22), quando este indica que vivemos em um tempo

em que os ideais da modernidade têm sido questionados e reescritos, principalmente aqueles referentes à definição do sujeito social como

1

Há autores que nomeiam esta época de pós-modernidade, como os filósofos Jean-François Lyotard (1979) e Jean Baudrillard (1981), ou aqueles preferem compará-la aos estados da matéria, e denominá-la de modernidade líquida, como o sociólogo Zygmunt Bauman (2000). Já existem outros que preferem entender este momento como posterior à pós-modernidade, definindo-o como a era da hipermodernidade, como Gilles Lipovetsky (2004). Também há outro grupo de autores, no qual se encontra Bruno Latour (1994), para quem nunca fomos modernos.

2

Este artigo é parte dos resultados parciais do projeto de pesquisa "No espelho da rede: um estudo sobre as questões de gênero e orientação sexual na adolescência". Participante do edital nº 075/2013 PRODIN/PROEN/PROPE/PROEX/DSSGP/IFMT.

homogêneo, trazendo à tona seus atravessamentos identitários, construídos no discurso (Moita Lopes, 2002), como também os ideais que dizem respeito a forma de produzir conhecimento sobre tal sujeito, que tradicionalmente o descorporificavam no interesse de apagar sua história, sua classe social, seu gênero, seu desejo sexual, sua raça, sua etnia etc.

Neste sentido, com o intuito de identificar e corporificar este adolescente da contemporaneidade, este estudo teve por objetivo identificar os discursos a respeito de identidade, gênero e orientações sexuais presentes entre a comunidade discente do IFMT, Campus Cuiabá. Acreditamos que a busca por uma educação democrática não pode negligenciar as relações de gênero e orientação sexual, apagando seus sentidos e expressões. Essa busca torna a investigação sobre o discurso sócio-histórico construído que marca o posicionamento dos discentes a respeito do tema mais que necessária, para que se planeje, desde o presente até o futuro, uma ação pedagógica que incentive e compartilhe a aceitação e o respeito pelo outro.

Reflexos no espelho

Dentre as diversas manifestações socioculturais humanas, a linguagem é aquela que constitui o humano nas suas interações dialógicas. É pelo viés da linguagem que nos reconhecemos e reconhecemos o outro, de maneira que, por sua função social, esta capacidade humana revela comportamentos e valores em suas manifestações.

De acordo com Bakhtin (1992), é na interação com o outro que construímos a identidade, os sentidos e o discurso, pois é o outro quem fornece a reação-resposta, num movimento dialógico. O fundamento de toda linguagem humana é o dialogismo, no qual participamos de um diálogo onde “todo enunciado é apenas um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo” (PIRES, 2002, p. 39).

O discurso, então, é também uma projeção do outro em mim e vice-versa. Segundo Di Fanti (2003, p. 98), “o outro projeta-se a partir de discursos variados (...). São outras vozes discursivas – posições sociais, opiniões – que vêm habitar de diferentes formas o discurso em construção”. Neste sentido, o espaço escolar qualifica-se como um território ideal para a pesquisa linguística, pois nele revelam-se conflitos, marcados pela (des)territorialidade do discurso do outro e pela arquitetura rígida das grades curriculares.

A escola revela-se como um microcosmo da sociedade, nela mostram-se as práticas discursivas constitutivas do coletivo social, as quais não são neutras e “envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que promovem diferentes efeitos no mundo social” (FABRÍCIO, 2006, p. 46).

Por outro lado, a sociedade pós-moderna marca-se de um lado pelo “hiper” (Lipovetski, 2004), no qual os excessos de imagem, consumo, exposição constroem as relações e a identidade. Neste espaço de conflito, pode se encontrar o sujeito adolescente, estudante de Ensino Médio, carregando as pressões da vida social e os desafios de sua sexualidade em revelação. Este sujeito vivencia um campo de forças plurais que entrelaçam uma série de novos significados, modos de produção de sentidos e discursos, onde ele/ela constrói e desconstrói modelos de comportamento e práticas sociais, muitas vezes motivados pelos apelos da mídia, que veicula discursos diversos (de consumo, irreverência, preconceito, segregação, aceitação, etc), outras por grupos de convívio próximo.

De acordo com Moita Lopes (2006), a contemporaneidade trouxe-nos uma necessidade de reorganização do pensamento das práticas sociais, o que demanda uma prática interrogadora, que nos conduza a uma agenda política, transformadora e ética, condizente com a postura crítica de linguagem aqui adotada. Dessa forma, os entendimentos que norteavam as questões de identidade de gênero e sexualidade descansavam sobre normas fixas da biologia ignorando suas construções sociais. Já agora, num tempo de territórios moventes, certezas caminham sobre areia movediça. Uma profusão de termos³ e sentidos tem-se produzido nas redes sociais, assim como páginas que veiculam discursos sobre a orientação sexual e questões de gênero⁴.

Dessa forma, definimos para este estudo algumas das proposições abaixo, como identidade de gênero sendo a maneira como a pessoa pensa a respeito de si mesma. De acordo com Grossi (1998, p. 5), “por ‘gênero’, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais”. Já expressão de gênero é entendida como a forma como você demonstra seu gênero, através da sua forma de agir, vestir, interagir. Em contrapartida, o sexo biológico refere-se a características como órgão, hormônios e cromossomos. Segundo Grossi (1998, p. 6), “quando falamos de sexo, referimo-nos apenas a dois sexos: homem e mulher (ou macho e fêmea, para sermos mais biológicos), dois sexos morfológicos sobre os quais “apoiamos” nossos significados do que é ser homem ou ser mulher. E, por fim, não menos importante, a orientação sexual indica a quem você é fisicamente e emocionalmente atraído.

Entretanto, pressupomos que não é a quantidade de informação disponível nos meios de comunicação vigentes e consumidos por adolescentes que poderiam construir efetivamente o conhecimento. Assim, o estudo da Linguagem como “uma área de conhecimento que, suspeitando dos sentidos usuais, se coloca em movimento contínuo e autorreflexivo de deriva em si, sem destino fixo” (FABRÍCIO, 2006, p. 61), faz-se necessário para a investigação permanente das práticas sociais e os rótulos identitários que dela resultam.

As trilhas reveladas da metodologia

A pesquisa aqui descrita foi conduzida adotando-se a metodologia de pesquisa exploratória, que, por sua natureza, apresenta facetas qualitativa e quantitativa. Entendíamos que, por ser um território completamente inexplorado no nosso espaço escolar, somente a metodologia exploratória seria capaz de fornecer subsídios que respondessem às questões de pesquisa.

Segundo Gil (2008, p. 27), este tipo de pesquisa “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Em consonância a Gil, os autores Piovesan e Temporini (1995, p. 318) indicam que uma pesquisa exploratória tem “por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere”, o que coincidiu com o objetivo desta pesquisa.

No caso deste estudo, foram aplicadas metodologias quantitativas e qualitativas por meio da análise de textos (postagens em redes sociais), questionário e grupo de discussão. Este leque de estratégias permitiu-nos

3

Transgênero, transexual, homoafetivo, homofóbico, assexual, bissexual, orientação sexual, identidade de gênero, transgenitalização, travesti, lésbica, entre outros.

4

Moça, seu namorado é gay
(<https://www.facebook.com/mocaseunamoradoegay?fref=ts>),
Diz que é hétero, Mas
(<https://www.facebook.com/DizQueEHeteroMas?fref=ts>),
Moça, você é lésbica
(<https://www.facebook.com/mocavoceelesbica?ref=ts&fref=ts>),
entre tantas outras.

ampliar a compreensão acerca da realidade investigada. Destes, apenas o questionário será analisado neste artigo.

O questionário foi aplicado em um grupo de 80 adolescentes de 16 anos ou mais, equiparados quanto ao sexo biológico. De acordo com Gil (2008, p. 121), o questionário é “um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, (...)”. No caso deste estudo, o questionário foi composto por quatro partes, totalizando 22 questões. Destas, seis questões dependentes compõem a parte I, por exemplo: “Você conhece o termo ‘identidade de gênero’? Se sim, o que é?”.

A parte II foi composta por 10 perguntas fechadas, as quais utilizaram a escala Likert⁵ para sua composição. Partimos de declarações comuns que encontrávamos em páginas de redes sociais e formulamos 10 enunciados que representariam o objetivo do estudo, como mostra o Quadro 1:

Eu acho que gays não deveriam adotar crianças	
<input type="radio"/>	Concordo totalmente
<input type="radio"/>	Concordo
<input type="radio"/>	Indiferente
<input type="radio"/>	Discordo
<input type="radio"/>	Discordo totalmente

Quadro 1 – Exemplo de questão da Parte II do Questionário.

Já as partes III e IV foram compostas por questões abertas, que se encontravam em voga nas redes sociais, como Facebook, Instagram e Twitter, no momento da coleta de dados, como “Qual sua interpretação para a afirmação: Meu corpo, minhas regras?” ou “Qual sua interpretação para a afirmação: ser vadia é ser livre?”.

O questionário foi aplicado no espaço escolar do IFMT, Campus Cuiabá, durante o horário das aulas, tanto no período matutino quanto vespertino, pelo bolsista do projeto. Os participantes do estudo foram alunos de todos os cursos do Ensino Médio Integrado⁶ da escola. O único pré-requisito era ter 16 anos ou mais, no momento da participação no estudo. Para equiparar a quantidade de adolescentes em relação ao sexo biológico, foram selecionados aleatoriamente 40 pessoas de cada sexo. Os resultados deste instrumento foram analisados e comparados de acordo com os dois grupos de sujeitos descritos acima.

O espelho da Rede

Os instrumentos de pesquisa demonstrados na metodologia deste artigo e aplicados nesta pesquisa revelaram que, de acordo com a primeira parte do questionário, os participantes que se identificaram como sendo do sexo masculino desconheciam a maioria dos termos relativos às questões de identidade e sexualidade, como pode ser visto na Tabela 1:

5

A escala Likert é uma escala psicométrica das mais conhecidas e utilizada em pesquisa quantitativa, já que pretende registrar o nível de concordância ou discordância com uma declaração dada.

6

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Cuiabá, possui cursos de Secretariado, Eventos, Agrimensura, Edificações, Informática, Eletrônica, Telecomunicações, Eletrotécnica, que técnicos integrados ao ensino médio.

Questões	Sim (H/M)	Não (H/M)	Não responderam (H/M)
Você conhece o termo "Expressão de Gênero"?	8/5	32/34	2/1
Você conhece o termo "Identidade de Gênero"?	9/7	31/32	2/1
Você conhece o termo "Orientação Sexual"?	27/7	14/33	1/0

Tabela 1 – Resultados da 1ª parte do questionário

Entendemos que uma das primeiras formas de compreender um fenômeno é identifica-lo, limitar suas fronteiras e caracterizá-lo. Dessa forma, conhecer os termos que se referem às questões de gênero e sexualidade seria importante para, entre outras razões, construir conceitos sadios e equilibrados em relação ao outro e, por conseguinte, combater o preconceito. Entretanto, mesmo com a massiva exposição às redes sociais, os resultados dessa parte do questionário nos revelaram que boa parte dos participantes do estudo desconhecem os termos sobre o tema. O resultado não revelou diferenças significativas entre os sexos.

Outra parte do questionário solicitou que, aqueles que afirmaram conhecer os termos, fornecessem uma explicação sobre o que entendiam, como podemos ver nos trechos a seguir:

Expressão de gênero: “É afirmação dos comportamentos designados para um homem e uma mulher”. “Se demonstrar dentro de uma sociedade de acordo com o que você é.”

Identidade de gênero: “É como a pessoa se identifica indiferente de seu sexo biológico”.

Orientação sexual: “É sua escolha sexual”. “O indicativo de por quem uma pessoa sentirá atração sexual”. “A inclinação que alguém tem por homens ou mulheres”.

Tais falas manifestam outro entendimento para o termo “orientação sexual”, já que este foi compreendido por alguns participantes como orientação no sentido de educação sexual, receber orientação para fazer algo, como instrução. Este foi um resultado inesperado, o termo pode carregar essa polissemia, o que não foi previsto durante a elaboração do questionário.

De qualquer forma, estes resultados denunciaram a necessidade de uma agenda que aprofunde o estudo dos temas e comportamentos associados a eles entre a comunidade discente desta escola. O fato de muitos estudantes desconhecerem estes termos não apenas revela as posições axiomáticas construídas e cristalizadas dentro deles, como também nos ilumina a respeito das lacunas e a fragmentação dos conteúdos existentes na sua educação como um todo.

Já a segunda parte do questionário solicitou que os estudantes julgassem, de acordo com a escala Likert, um conjunto de dez declarações. Seleccionamos duas delas para a apresentação:

Me incomoda ver dois homens se beijando		
	Homens	Mulheres
Concordo	11	7
Concordo parcialmente	3	6
Indiferente	14	8
Discordo parcialmente	1	7
Discordo	11	12

Tabela 2 – Resultados da Declaração I

Comparativamente entre os sexos biológicos, as participantes do sexo feminino revelaram que, em sua maioria (47,5%), não se incomodariam ao ver dois homens se beijando. Por outro lado, entre os participantes do sexo masculino dois resultados sinalizaram certos comportamentos e valores distintos: o primeiro revela que 35% dos participantes do sexo masculino do estudo seriam indiferentes à presença de um beijo entre dois homens.

O segundo, em contrapartida, revela que outros 35%⁷ se incomodariam, de alguma forma, com a cena de dois homens se beijando. Este dado, de certa maneira, corrobora com a pesquisa do Ipea⁸, divulgada em março de 2014, na qual 59% dos entrevistados disseram sentir desconforto ao ver duas pessoas do mesmo sexo se beijando.

Em certo sentido, este resultado sinaliza que determinados conceitos (e possíveis preconceitos) podem, de certa forma, já estar cristalizados, demarcados e territorializados no conjunto de valores dos estudantes do IFMT. Logo, de maneira democrática, é função da escola trabalhar temas que desconstruam e, posteriormente, reconstruam os caminhos de sentidos para os jovens em formação, entre estes os temas aqui abordados.

Tratamos também da adoção de crianças por casais homoafetivos. A declaração II da Parte II do questionário pedia que os participantes do estudo julgassem a adoção de crianças por casais de lésbicas. Os resultados estão na Tabela 3:

Eu acho que lésbicas não deveriam adotar crianças		
	Homens	Mulheres
Concordo	3	6
Concordo parcialmente	4	5
Indiferente	5	7
Discordo parcialmente	9	2
Discordo	19	20

Tabela 3 – Resultados da Declaração II

Como pode-se notar, nos termos desta declaração, estes resultados mostraram que os participantes do estudo, em sua maioria, são favoráveis à adoção de crianças por casais homoafetivos, considerando os resultados relativos a discordo parcialmente e discordo (70%).

Este resultado mostrou-se contrário ao resultado da pesquisa realizada pelo IBOPE⁹, em 2011, a qual revelou que 55% dos brasileiros eram contra a

7

Já que se somam os resultados referentes as afirmações “concordo” e “concordo parcialmente” para permitir se afirmar este dado.

8

Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,maior-parte-dos-brasileiros-se-incomoda- em-ver-dois-homens-ou-mulheres-se-beijando,1145876>>. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

9

Disponível em: <<http://vilamulher.com.br/mae-filhos-familia/planejamento/brasileiro-s-contr-a-a-adocao-por-casais-homossexuais-8-1-52-70.html>>. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

adoção de crianças por casais do mesmo sexo. Neste tópico, os participantes do estudo mostraram-se mais abertos e receptivos à ideia de adoção por casais homoafetivos. Este resultado mostrou-se em consonância com os anseios da sociedade brasileira que vem, há algum tempo, discutindo os direitos dos casais de mesmo sexo, assim como sua união matrimonial.

Outras questões abordadas no estudo versavam sobre o desenvolvimento de atividades sobre Identidade, Gênero e Sexualidade na escola, também foram abordadas questões sobre a possibilidade de o espaço escolar apresentar um banheiro neutro, sobre o governo aprovar legislação correspondente ao terceiro sexo, sobre definição de gênero da criança pelos pais, cirurgia para mudança de sexo, piadas sexistas em sala de aula, e, por fim, solicitava o depoimento dos participantes sobre preconceito de gênero.

Os dados coletados por este estudo, mesmo que não amplamente demonstrados aqui, evidenciam que a presença das questões de gênero na escola é imprescindível para a construção de uma educação democrática. O enfoque do projeto sobre as questões de identidade de gênero se dedicou mais a explorar os discursos sobre a mulher na sociedade pós-moderna, já que mesmo com todo o histórico de luta e reivindicação, o movimento feminista brasileiro ainda luta para encontrar um espaço de expressão no cenário nacional. Concordamos com Giesel (2012, p. 107) quando esta afirma que,

a questão de gênero não pode ser descartada de nenhuma pedagogia que se nomeia libertadora e nenhuma teoria feminista deve descartar uma pedagogia que visualiza as experiências dos alunos como uma premissa para a exploração de formas opressivas que mantêm o status quo de uma sociedade.

Dessa forma, é necessário que se promovam atividades no contexto escolar para que os estudantes desenvolvam-se como seres políticos e se engajem teórico e praticamente em questões relevantes para a mudança social. Somente a partir desta prática reflexiva os estudantes poderão construir “conhecimento acadêmico, hábito de questionar o mundo e uma curiosidade crítica sobre a sociedade, o poder, as desigualdades e as mudanças” (SHOR, 1992 p. 15).

O projeto, neste sentido apresentou-se como uma oportunidade de apresentar discursos e práticas hegemônicas (PENNYCOOK, 1998). Ao proporcionar aos participantes do estudo a percepção sobre as categorias de gênero, sexualidade, identidade e preconceitos, estes puderam promover uma reflexão a respeito de como essas categorias e seus discursos operam em seu cotidiano. A necessidade de refletir a respeito dos discursos sobre gênero presentes na contemporaneidade traduz a pesquisa realizada pela Linguística Aplicada atual, na qual “a investigação é fundamentalmente centrada no contexto aplicado, onde as pessoas vivem e agem” (MOITA LOPES, 2006, p.21), trazendo à tona os significados que circulam na experiência.

De posse de todos esses resultados, passamos as considerações finais, nas quais refletimos sobre os resultados preliminares apontados pelo estudo e os possíveis desdobramentos deste.

Construindo uma nova imagem

O estudo sobre as questões de identidade, gênero e orientações sexuais presentes nos discursos de adolescentes do ensino médio revelou-se por um lado como um grande desafio, devido às implicações que o tema acarreta,

mas também proporcionou surpresas interessantes que reforçam os esforços por uma educação libertadora e democrática.

Assim, este artigo teve por finalidade compartilhar alguns resultados deste estudo realizado com adolescentes de uma escola pública federal de educação profissionalizante da cidade de Cuiabá, em Mato Grosso. Investigamos, nesta pesquisa, os discursos presentes nesta comunidade discente, relativos à identidade, gênero e orientações sexuais no espaço escolar. Esta empreitada possibilitou a escuta de vozes ocultadas que apresentou alternativas para compreender o mundo contemporâneo assim como colaborou para a construção de uma educação mais plural.

Como resultados, o estudo mostrou que, entre os jovens participantes da pesquisa, há ainda um desconhecimento a respeito de termos específicos sobre o tema, os quais figuram comumente nas mídias consumidas e produzidas pelos jovens. Este desconhecimento implica na produção de discursos que podem acarretar a divulgação de comportamentos e valores preconceituosos.

Assumindo o compromisso de uma educação para a paz e para a ética, é necessário nos deslocarmos deste terreno seguro da discussão sobre a construção da identidade e sexualidade humanas como um binômio perfeito (homem e mulher/feminino e masculino) e passarmos a enfrentar os desafios que uma visão não cristalizada sobre o assunto pode oferecer. Os discursos enraizados sobre o tema versam sobre termos como “normalidade”, “natureza”, “legitimidade” para considerar a matriz heterossexual como a norma compulsória da sociedade.

Entretanto, diversas teorias pós-modernas vêm, num equilíbrio de forças, mostrando que os conceitos dicotômicos de gênero e sexualidade são construções discursivas histórico-sociais e podem, sob a ótica destes estudos, serem vistos como múltiplos, dinâmicos, e contraditórios, mas principalmente, em mudança.

Dessa maneira, o estudo sobre identidade, gênero e orientações sexuais desbravou não apenas caminhos dentro do IFMT, como também nos possibilitou adentrar nos lugares desconhecidos e opacos das questões de identidade e gênero para iluminá-los e possibilitar a riqueza da troca entre os adolescentes. Assim sendo, tornou-se possível pensar na construção de um novo discurso a respeito da identidade, gênero e sexualidade na adolescência.

Sobre o artigo

Recebido: 21/01/2015

Aceite: 02/03/2015

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DI FANTI, M. G. C. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. **Veredas**. Revista de estudos linguísticos, v. 7 n. 1 e n. 2, p. 95-111, 2003.

FABRÍCIO, B. F.. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 45-65.

- GIESEL, C. C. M. Uma abordagem sociointeracionista humanizadora para o ensino de línguas estrangeiras: gênero em sala de aula. In: FERREIRA, A. J. (Org.). **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade**: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as. Campinas, SP; Pontes Editores, p. 101-120, 2012.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GROSSI, M. P. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis, p. 1-18, 1998. (versão revisada - 2010).
- LIPOVETSKI, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LYOTARD, J.-F. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2010.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, p. 13-44, 2006.
- PENNYCOOK, A. A linguística aplicada nos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 23-49, 1998.
- PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimentos metodológicos para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública** [online]. 1995, vol.29, n.4, p. 318-325.
- PIRES, V. L. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. In: **Organon**, 2002, v.16, n.32-33, p. 35-48.
- SHOR, I. **Empowering education**: critical thinking for social change. Chicago: Universtiy of Chicago Press, 1992.